

# **MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E O USO DE RECURSOS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA EM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM ANÁPOLIS, GOIÁS**

Sueni Conceição Moreira Youssef<sup>1</sup>  
João Martins de Oliveira Filho<sup>1</sup>  
Isabella Coelho de Almeida<sup>1</sup>  
Miriã Cândida Oliveira<sup>1</sup>  
Samara Lamounier Santana Parreira<sup>1</sup>

## **RESUMO:**

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação e o comportamento. A maioria das preocupações relatadas pelos pais, ao contato inicial com o diagnóstico, é referente ao desenvolvimento da linguagem, sobretudo em relação aos distúrbios da fala. A escola trabalhando em conjunto com os pais e com os profissionais que se ocupam da construção da fala e da comunicação como um todo, forma a tríade fundamental para o desenvolvimento da criança autista. Este estudo teve como objetivo analisar a mediação pedagógica do professor com base na Escala de Avaliação da Experiência de Aprendizagem Mediada, com recursos de comunicação alternativa e aumentativa em alunos com Transtorno do Espectro Autista. Foram incluídos no estudo 8 professores de Atendimento Educacional Especializado e 8 professores de sala regular. Os professores do atendimento educacional especializado apresentavam maiores níveis na escala Escala de Avaliação da Experiência de Aprendizagem Mediada quando comparados aos de sala regular ( $p < 0,001$ ), mas ainda apresentaram níveis reduzidos na escala (nível 2: mediação evidente de forma emergente). Os resultados mostraram que ainda há pouco investimento em comunicação alternativa e aumentativa, sendo identificado que somente 3 professores (18,75%) utilizavam recursos de comunicação alternativa e aumentativa. Conclui-se que os professores necessitam melhorar as práticas pedagógicas voltadas aos alunos com Transtorno do Espectro Autista. Há pouca utilização e disponibilidade de recursos de comunicação alternativa e aumentativa nas escolas municipais avaliadas.

**Palavras-chave:** Transtorno do espectro autista; Comunicação Alternativa e Aumentativa; Autismo.

## **INTRODUÇÃO:**

O autismo é compreendido como uma condição única, denominada Transtorno do Espectro Autista (TEA). É um distúrbio do desenvolvimento neurológico e deve estar presente desde, mas pode ser detectado mais tarde (APA, 2013).

Dentre as preocupações relatadas pelos pais, ao contato inicial com o diagnóstico, destaca-se o desenvolvimento da linguagem, sobretudo em relação aos distúrbios da fala. Em seguida, surgem as inquietações relativas à conduta social e, por fim, ao comportamento repetitivo e estereotipado. Além de como conviver com essa nova realidade e a finalidade do acompanhamento (ZANON; BACKES; BOSA, 2014).

<sup>1</sup>Centro universitário de Anápolis, Anápolis, Goiás, Brasil

A escola trabalhando em conjunto com os pais e com os profissionais que se ocupam da construção da fala e da comunicação como um todo, forma a tríade fundamental para o desenvolvimento da criança autista. Assim a comunicação é uma das características fundamentais do desenvolvimento. É um processo sócio histórico que se desenvolvem ao longo da vida. Dessa forma, quando as crianças chegam à escola trazem com elas linguagem e comunicação oral, não como produtos acabados, mas como processos sociais em desenvolvimento.

Professores, geralmente se surpreendem ficando sem ação quando recebem uma criança autista, que não fala ou não a compreende. Inicialmente o papel do professor é alfabetizar tendo como principal foco a leitura e escrita. No entanto, o papel da escola é essencial também no desenvolvimento da linguagem como um todo, com as diversas formas de comunicação possíveis, pois só assim haverá uma real inclusão (BEZ, 2010).

Os recursos da Tecnologia Assistiva (TA) em Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) são fundamentais para complementar, suplementar, substituir ou apoiar a fala. (DELIBERATO, 2005). Tais recursos servem tanto para viabilizar a comunicação expressiva, como a comunicação receptiva. Portanto contribui para a ampliação da comunicação e desenvolvimento da linguagem de sujeitos com TEA, oportunizando o desenvolvimento de suas potencialidades, facilitando a interação social e conseqüentemente, o processo Ensino-Aprendizagem.

É indiscutível a figura do professor mediador nesse processo Ensino-Aprendizagem. Acredita-se que uso dos recursos em CAA poderão ter efeitos mais satisfatórios se a mediação pedagógica for eficiente. Como em todos os processos, quanto mais cedo detectar a deficiência na comunicação mais o professor poderá auxiliar em sala (DELIBERATO, 2005).

Assim, introduz-se o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM), compreendida como uma interação qualitativa entre o organismo e seu meio ambiente. Esta qualidade é assegurada pela interposição intencional de um ser humano que por meio da mediação dos estímulos é capaz de afetar o organismo. Lidz. (2003) criou a escala de avaliação da EAM, e sugere que quanto maior o nível de mediação do professor em situações de Ensino-Aprendizagem, maior será a participação e aprendizagem dos alunos em sala de aula (LIDZ, 2003)

A importância da qualidade da mediação do professor é indiscutível, portanto, o objetivo do estudo foi analisar a mediação pedagógica do professor com base na abordagem por EAM, com recursos de CAA em alunos com TEA.

## **MATERIAIS E MÉTODOS:**

O estudo foi de caráter observacional, transversal, com abordagem qualitativa e quantitativa,

que visou analisar a mediação pedagógica de professores de alunos com TEA, baseada na abordagem da EAM, com recursos da Tecnologia Assistiva em CAA. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UniEVANGÉLICA, conforme Parecer Consubstanciado nº 2.625.753/18.

Segundo informações do Centro Municipal de Apoio à Diversidade (CEMAD), do ano de 2017, nas escolas municipais de Anápolis foram matriculados cento e cinquenta e quatro alunos com TEA, sendo quarenta e oito na Educação Infantil e cento e seis no Ensino Fundamental. A primeira fase do Ensino Fundamental, o foco da pesquisa, possui 95 alunos, do 1º ao 5º ano. Com estes alunos, da 1ª fase do Ensino Fundamental da rede municipal, estão atuando 48 professores no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e 95 professores na sala regular. Para atender esta população estão em funcionamento 39 salas de recursos multifuncionais.

AEE é oferecido a todos os alunos com TEA, no contra turno da escola. Porém dos 95 alunos do 1º ao 5º, apenas dezesseis estão em atendimento pedagógico e psicopedagógico no CEMAD. Conforme relatório da equipe multiprofissional do CEMAD, estes possuem maior déficits na comunicação, não verbal ou verbal, com ecolalia e com distúrbios específicos da linguagem.

Foram incluídos no presente estudo professores de sala regular e de AEE da primeira fase do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino de Anápolis, cujos alunos com diagnóstico de TEA que possuam maior déficit na comunicação e socialização, comprovado por laudo médico e relatório da Equipe Multidisciplinar do CEMAD. Foram excluídos os professores que não aderiram ao processo de investigação, capacitação e planejamento colaborativo com base na EAM.

Para avaliar o nível de mediação do professor foi aplicada a Escala de Avaliação da Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM), escala foi desenvolvida por Lidz em 1991, atualizada em 2003 (LIDZ, 2003), com a intenção de operacionalizar o conceito de EAM de Feuerstein *et al.* (1987). A escala foi criada para investigar as práticas pedagógicas e nível de mediação dos professores. A referida escala é composta por trinta e quatro itens que avaliam doze componentes que são: intencionalidade, significação, transcendência, atenção partilhada, experiência partilhada, regulação na tarefa, elogiar, desafiar, diferenciação psicológica, responsividade contingente, envolvimento afetivo e mudança.

A escala é graduada por uma Escala Likert de 4 pontos, cada afirmativa é então pontuada de 1 a 4: sendo: 4 – comportamento evidente em alto grau, 3 - Evidente de forma moderada, 2 - Evidente de forma emergente e 1 – comportamento não evidente. Em seguida, os itens são agrupados em blocos de asserções, perfazendo um total de doze, de acordo com os respectivos

componentes. Dessa forma, é possível calcular o nível de mediação de cada componente, ao qual pode ser atribuída pontuação máxima de 4 pontos e mínima de 1 ponto.

Os dados foram tabulados em uma planilha EXCEL versão 2016 e, a análise estatística foi realizada no software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 25.0. Os dados foram expressos em média e desvio-padrão. Para analisar a diferença entre os professores foi utilizado Teste T para amostras independentes. Nível de significância considerado foi de  $p < 0,05$

## **RESULTADOS:**

A amostra foi composta por 16 professores, sendo oito professores de sala regular (50%) e oito de AEE (50%). A avaliação dos professores de AEE, em relação aos componentes da escala de EAM apresenta variação entre 1,7 e 2,5 e valor em média de 2,14 ( $\pm 0,26$ ), prevalecendo um nível 2 (mediação evidente de forma emergente).

Observou-se uma tentativa de busca por meios capazes de ajudar a evolução dos alunos, porém ainda sem um planejamento participativo e colaborativo entre os envolvidos, como coordenação, professores regentes, família e profissionais técnicos para ter um foco e visar principalmente atender as necessidades da vida dos alunos com TEA. Com muitas dificuldades conseguem muitos avanços, portanto com autistas clássicos e bem comprometidos, os professores clamam por apoio.

No caso dos professores regentes de sala regular, identifica-se um nível de mediação mais baixo, variando entre 1,00 e 1,75 e em valores de média 1,44 ( $\pm 0,25$ ), ou seja, os comportamentos de mediação estão entre o nível 1 (não evidente) e o nível 2 (evidente de forma emergente). Uma das situações percebidas e graves que poderia explicar tal resultado é a postura de distanciamento professor regente do aluno com TEA, que delega ao cuidador ou professor especializado as responsabilidades que seriam dele. Usam como justificativa o fato de terem os demais alunos da sala, que mesmo não sendo alunos com deficiência também possuem suas demandas. Além do fato de não terem tempo direcionado especificamente para capacitação e planejamento colaborativo com a equipe multidisciplinar.

Notou-se que o professor de AEE apresenta nível de mediação pedagógica maior que o professor regente ( $p < 0,001$ ). Alguns alunos desenvolveram forma de comunicação por meio de gestos, balbucios, alteração de comportamento; outros usam pranchas com figuras confeccionadas pelas professoras de AEE para se comunicarem, porém na maioria dos casos, estas pranchas não são utilizadas de forma adequada na sala regular.

De acordo com os dados analisados, dentre as dezesseis educadoras participantes do estudo apenas 3 professoras de AEE usavam algum tipo de CAA como apoio. Durante a coleta de dados da presente pesquisa, a professora de AEE do 5º ano do EF estava iniciando o uso de prancha e aplicativo no Tablet; a professora do 4º ano do EF, aplicava pranchas com fotos de atividades de vida diária; enquanto a professora do 2º ano do EF usava pranchas de comunicação, pasta e Go Talk.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Com os levantamentos dos dados até o momento, é possível constatar que os professores de AEE apresentaram maior nível na escala EAM quando comparados aos professores de sala regular, mas ambos os grupos avaliados necessitam melhorar as práticas pedagógicas voltadas aos alunos com TEA. A utilização de CAA ainda é demasiadamente pequena, sendo que dentre os dezesseis professores participantes, apenas 3 fazem uso de CAA com alunos com TEA.

Em consideração a importância da utilização dos recursos de CAA para os alunos com TEA, destaca-se a necessidade de haver mais investimentos nas escolas para tal finalidade para que os alunos com TEA recebam educação inclusiva de qualidade. Professores e especialistas que trabalham nesta área, precisam se sentir adequadamente apoiados para atender às necessidades desses alunos, e esse apoio deve ser contínuo. O uso de abordagens educacionais flexíveis e individualizadas é crucial. Isso requer que os professores tenham uma série de ajustes e opções de recursos que podem ser implementados dentro e fora do ambiente de sala de aula.

## **REFERÊNCIAS**

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA): DSM-V-TR. Associação Americana de Psiquiatria. **DSM-V-TR- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 2013.

BEZ, Maria Rosângela. **Comunicação Aumentativa e Alternativa para sujeitos com transtornos globais do desenvolvimento na promoção da expressão e intencionalidade por meio de ações mediadoras**. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, 2010.

DELIBERATO, Débora. **Comunicação alternativa: recursos e procedimentos utilizados no processo de inclusão do aluno com severo distúrbio na comunicação**. São Paulo: Unesp, 2005.

FEUERSTEIN, R; RAND, Y.; JENSEN, M. R.; KANIEL, S.; TZURIEL, D. Prerequisites for assessment flearning potential: The LPAD model. In.: LIDZ, C.S. (Org.) **Dynamicassessment: aninteractional approach to evaluating learning potential**. New York/London: Guilford Press, 1987. p. 35-51.

LIDZ, C. S. **Early Childhood assessment**. New Jersey: John Wile & Sons, Inc, Hoboken, 2003.

ZANON, R.B.; BACKES, B.; BOSA, C.A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 25-33, 2014.